

UM ESTUDO SOBRE AS ÁGUAS EM GASTON BACHELARD

Carlos Rodrigues Brandão – Universidade de Campinas – UNICAMP / UFU
Brandão@ig.com.br

Rodrigo Herles dos Santos – Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
rherles@pop.com.br

Joycelaine Aparecida de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Joyce_sertão@yahoo.com.br

Andréa Maria Narciso R. de Paula – Universidade Federal de Uberlândia – UFU
andreapirapora@yahoo.com.br

Maria das Graças C. C. Gama – Universidade Federal de Uberlândia – UFU
gracapira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Dentre os maiores filósofos contemporâneos da humanidade, Gaston Bachelard, nascido na França, na região da Champagne, em 1884. Ele se diferencia por seu olhar encantador de transcendência poética diante das complexidades da natureza. A noite, quando já não estava ensinando, se julgou no direito de se fechar em um sistema, de sua escolha, uma fenomenologia da esperança de ver com um novo olhar as imagens fielmente amadas, em sua memória, caracterizando o Bachelard noturno. A imaginação é colocada no seu lugar, no primeiro lugar, como princípio de excitação direta do dever psíquico.

O Bachelard noturno traz a imaginação como seu referencial de análise, assim um mundo se forma nos devaneios. Em sua obra *A Água e os Sonhos*, ele traz uma concepção diferente das águas, não a tratando somente como matéria, ou como uma abordagem simplista de meio para sobrevivência, defendida pelos ambientalistas ou ainda como uma fonte potencial para geração de energia elétrica na visão de engenheiros. Para ele as águas possuem significâncias e significados, elas possuem vozes, cheiros, cores, sabores... Classificando em: Águas profundas, que são águas dormentes, águas mortas e águas pesadas, num devaneio de Edgar Poe, falando da alegria e da dor que existem nas lembranças e na contemplação diante das águas, sendo ela clara ou escura. A água em seus reflexos duplica o mundo e as coisas, duplica também o sonhador e não simplesmente uma imagem vaga, mas, no seu envolvimento, numa experiência onírica; As águas compostas se mesclam de todas as cores, de todos os sabores, de todos os cheiros, compreendendo a dissolução dos sólidos na água, a combinação das diversas matérias, é um deslumbramento quando encontra líquidos que não se misturam. Para o devaneio materializante todos os líquidos são águas, tudo que escoar é água, a água é o único elemento líquido; As águas maternas, águas femininas, são comparada com o amor de uma mãe, uma mãe imensamente grande, eterna e projetada no infinito, assim a natureza é para o homem adulto nas reflexões de Marie Bonaparte, segundo Bachelard; As águas violentas, as águas do mar, com suas ondas na fúria e numa raiva animal, pisoteiam corpos como uma raiva humana.

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise das categorias de água presentes no mundo sertanejo do Norte de Minas Gerais. Para cumprir tal objetivo, recorrer-se-á a obra de João Guimarães Rosa, escritor mineiro de Cordisburgo.

Bachelard e Rosa se aproximam pelo olhar de transcendência diante da beleza. Tentando encontrar por traz das imagens que se mostram às imagens que se escondem ir às profundezas da imaginação. Permitindo que o leitor se envolva e se misture com a história em uma sensação de encantamento. O elemento água une os dois autores provocando reflexões que não meramente Geográficas e sim carregadas de afetos, emoções, imagens e lembranças da vida cotidiana que na prática do dia-a-dia promovem a construção da identidade sertaneja e sua ligação com o lugar.

METODOLOGIA

Por ser uma pesquisa de caráter fenomenológico, fundamentou-se em estudos teóricos e empíricos da água, através da obra bachelardiana, *A água e os sonhos*. Como substrato analítico foi utilizada a obra literária de João Guimarães Rosa em: *O Grande Sertão Veredas e Manuelzão e Miguilim*, procurando interpretar de maneira subjetiva as águas no mundo do sertão. Através de leituras e fichamentos das diversas passagens de águas, fez-se um estudo comparativo entre os dois autores.

APROXIMAÇÕES ENTRE GASTON BACHELARD E JOÃO GUIMARÃES ROSA:

Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas - e só essas poucas veredas, veredazinhas (ROSA, 1985, p.59). Sertão é para Euclides da Cunha (1985) tudo que está fora da escrita e do espaço da civilização: terra de ninguém, lugar da inversão de valores, da barbárie, da incultura. São territórios misteriosos fora da cultura e da geografia, que não foram mapeados de forma sistêmica. Segundo Brandão:

Os sertões do cerrado eram percebidos e seguem sendo sentidos; como mundos sem fim para quem viaja neles e entre eles (menos de avião). O mundo do cerrado parece o de um quase mar interior, onde as águas são terras planas entremeadas de morros de ondulações ora suaves e ora mais fortes, entre o verde do “tempo das águas” e as cores amarelo-havana do “tempo da seca”. (2004, p.26)

Riobaldo viveu toda sua travessia no sertão das Minas Gerais, mas ainda assim esse lugar sertão aparece como uma forma de estranhamento, desconhecido, misterioso, misturado. JGR (1985) em Grande: Sertão Veredas, trás várias concepções de Sertão. “Sertão se diz - , o senhor querendo procurar, não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. (p. 289) O sertão é do tamanho do mundo.” (p.59). “Sertão. Sabe o senhor é onde o pensamento da gente se forma mais que o lugar”. (p.24). Sertão seria assim o lugar do estranho, da perplexidade, do demoníaco, do sagrado, da verdade, do amor, do ódio, do real e do imaginário, do encoberto e do descoberto, lugar do “homem humano travessia”, a vida acontecendo. Segundo Riobaldo, “tudo é e não é”, tudo é perplexidade, assim ele viaja pelos labirintos do “sertão”, traçando a sua geografia, espiritual e sentimental com as cenas, os cenários, as gentes do mundo sertanejo.

A linguagem poética está presente na obra dos dois autores, proporcionando através da leitura sonhos e devaneios na imaginação do leitor. É o que João Guimarães Rosa remete com a travessia de Riobaldo que se decide tornar jagunço para ficar ao lado de um amor (Diadorim) tão diferente e se aventura entre devaneios e sonhos pelo sertão. Diadorim invade a existência de Riobaldo, como manifestação do impossível, do não saber, lhe vem como sonho, como fantasia na presença do masculino e feminino. Diadorim enquanto sentimento, e Riobaldo como figura da paixão, da alma sensível.

Percebe-se que há uma proximidade do autor com o personagem, Riobaldo-sertão, Riobaldo-Rosa, que proporciona uma viagem literária pelo mundo da fantasia e do sonho; que acontece na imaginação do leitor, que se faz ouvinte, presente constantemente no diálogo, na figura do “senhor”. Que de acordo com Rosenfield (1992); “permite não apenas compreender a anedota, mas também ir além do enredo fatural, o enredamento signficante que a disposição dos elementos (sons, letras, palavras, imagens, etc.) permite construir no contexto da experiência alheia”. (p.06). O leitor se sente como parte integrante da história, numa sensação de maravilhamento, achados na sensibilidade, diferentes de qualquer tipo de atitude, como: a surpresa, o espanto, a reverência, a admiração, atitudes que quando comparadas à vida ordinária, lhes parecem extraordinário. Mas sim no maravilhar-se dos gregos que segundo Heidegger (1998); justamente naquilo que é mais comum e familiar que surge inexplicavelmente, como estranho, como intrigante, como preocupante. No entanto no que parece tão costumeira a vida de um homem simples do sertão, torna-se estranho e desconhecido. Vale ressaltar, onde Noemi Elisa Aderaldo, citando Carlos Garbuglio no parágrafo final de sua tese: ““...

Eu poderia afirmar que no fundo a posição do Riobaldo-Rosa de sondagem do movente mistério cósmico reflete a nostalgia de alguma coisa perdida nas brumas do tempo, mas indefinida, que se busca... (GARBUGLIO IN ADERALDO, 1992, p.22).

Segundo Rosenfield (1992) na travessia literária, de Rosa, indagações surgem diante do autor: Qual o discurso que dá conta da realidade? O do homem simples e “ignorante”, o do poeta, o do teólogo, o do filósofo, o do cientista, o do político ou o do homem erudito, instruído e lido? A travessia do Grande Sertão: vereda é uma aventura particular e subjetiva, mergulhada na sensibilidade do sertão, no “remexer vivo” (ROSA, 1985, p.234).

A presença do elemento água aproxima os dois autores que segundo Bachelard é tão feminino e uniforme, simbolizam as forças humanas mais escondidas, mais simples e significantes. Bachelard em sua obra a água e os sonhos: um ensaio sobre a matéria. Traz uma nova maneira de pensar e viver as águas, intimamente, entre devaneios e sonhos refletidos através de suas imagens. No Grande Sertão: Veredas, o próprio nome do narrador/personagem, Riobaldo, encontra-se presente a palavra rio. Rio, que designa o fluxo e a movimentação da água, e baldo que evoca a palavra “baldanza”, traduzível, segundo a sugestão do próprio João Guimarães, “como saborear preguiçoso”. No nome está assim, secretamente inscrita a disposição íntima que tende a abandonar-se as experiências da vida do sentir, do imaginar em seus sonhos e devaneios envolvendo Diadorim.

A água é a linguagem continua fluída, é o símbolo universal da vida de fecundidade e fertilidade. Bachelard se dedicou a estudos psicológicos sobre as variações das águas: as águas claras, primaveris, correntes, amorosas, profundas, dormentes, mortas, compostas, suaves, violentas, a água como mestre da linguagem. Assim o termo água possui múltiplas significações, sua simbologia varia de acordo com os ambientes e as culturas.

O SERTÃO E AS ÁGUAS

São aos rios que o roteiro de Riobaldo Tatarana está sempre ligado, servindo como ponto de localização geográfica. Só o São Francisco aparece por mais de cinqüenta vezes. Mas o significado que rios grandes, pequenos, ribeirões, córregos, veredas, águas de chuvas, riachos e riachinhos não são meramente geográficos, mas entrelaçados de sentimentos e emoções. As águas marcam as vidas de Diadorim e Riobaldo, pois é perto delas que o amor dos dois se mostra mais singelo e singular.

O rio, objeto assim a gente observou, com uma croa de areia amarela, e uma praia larga: manhazando, ali estava em instância de pássaro. O Reinaldo mesmo chamou minha atenção. O comum essas garças, enfileirantes, de toda brancura; o jaburu; o pato verde; topetudo; marrequinhos, martim pescador; mergulhão; e até uns urubus, com aquele triste preto que mancha. Mas, melhor de todos – conforme o Reinaldo disse – é o passarim mais bonito de rio-abaixo e rio-acima é o manuelzinho da croa.(ROSA, 1985, p.134)

Riobaldo e Diadorim, a água correndo mansa e calma, o cantarolar dos pássaros, o cenário cheio de poesia, uma melancolia muito especial, sonhadora, lenta e calma. E diante daquela beleza Riobaldo apreciava e se aquietava. “E eu olhava e me sossegava mais”. (ROSA, 1985, p.134) Em Bachelard (1989) a água aparece como um ser total tem um corpo e voz. Para ele a linguagem das águas é uma realidade poética direta, os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, e que há em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana. Os dois autores falam da água com muita proximidade, dando a elas cheiro, sabor, vozes, significados que são refletidos, através de suas imagens poéticas.

Daí, passamos um rio vadoso – rio de beira baixinha, só buriti ali, os buritis calados. E a flor de caraíba urucuiã – roxo astrazado, um roxo que sobe no céu. Naquele trecho, também me lembro, Diadorim se virou pra mim – com um ar quase de meninozinho, em suas miúdas feições. “ Riobaldo, eu estou feliz...” ele me disse.(ROSA, 1984, p.288)

Segundo Bachelard (1989), Heráclito dizia: que o ser humano não se pode banhar por duas vezes no mesmo rio, porque em sua profundidade ele tem o destino da água que corre. A água é um elemento transitório é mutante, uma metamorfose acontece. Tudo passa, tudo vai, como a corrente do rio. Há uma semelhança entre seres humanos e água. Ambos são seres de vertigem, morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância, estão em permanente e constante mudança.

O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. (ROSA, 1985, p.21)

O primeiro encontro de Riobaldo e Diadorim se passou perto das águas claras e serenas do Rio-de-janeiro. Diadorim o menino tão bonito de pele clara, e olhos muito verdes de traços finos e delicados, transformou a vida e o coração de Riobaldo. Atravessaram o rio juntos, presenciaram o encontro do São Francisco, rio grande e soberano, maior em território nacional, aquelas águas largas que de repente engole um riozinho, como um animal feroz engole sua presa. Riobaldo teve medo. Teve medo da morte, de ser engolido por aquelas águas profundas, a vida se passando ali diante dos seus olhos. O rio tornava se grande, e ele tão pequeno ser indefeso. Medo e água se misturavam. “Aí o bambalango das águas, avançada enorme roda-a-roda - o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio”. (1985, p.99)

Até pelo mudar, a feiúra com que o São Francisco puxa, se moendo todo barrento vermelho, recebe para si o de - janeiro, quase só um rego verde só (...) tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir ate lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira - o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrios e uns sussurros desamparo (ROSA, 1985, p. 98)

A água daquele rio escondia mistérios, deixando marcas no coração de Riobaldo, um rio de emoções corria também dentro dele. O amor por Reinaldo Diadorim estava nascendo. E eu olhava esse menino com prazer de companhia, como nunca por ninguém eu tinha sentido. (1985, p.96) Segundo Bachelard a água é também um tipo de destino, o destino de um sonho que não se acaba, um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substancia do ser. Que fosse como sendo o trivial do viver feito uma água, dentro dela se esteja (ROSA, 1985, p.130). Nas palavras de Guimarães Rosa por meio Riobaldo, pode se observar novamente o “tudo flui” de Heráclito, tudo está em constante mudança, para o homem, como para água. “Um rio é sempre sem antiguidade” (1985, p.136).

Águas do desejo, o Rio das Velhas, no sertão das Gerais, foram cenários de fortes sensações, demonstrações da paixão. “Cheguei a tirar a roupa. Mas então notei que estava contente demais de lavar meu corpo porque o Reinaldo mandasse, e era um prazer fofo e perturbado.”Aragem!” – eu pensei. Destapei raivas”.(ROSA,1985, p.136) A sinceridade do coração o deixava confuso, sem entender o porque que sentia aquele sentimento forte, por um homem. Estes rios têm de correr bem! Eu de mim. Sertão é isto tudo incerto, tudo certo. Dia da lua. O luar que põe a noite inchada. (ROSA,1985, p.146)

A VIDA DOS RIACHOS

Bachelard (1989) se refere aos riachos, como uma linguagem pueril. “No riacho quem fala é a natureza criança. (p.25) Percebe-se por ele um grande carinho, por esses pequenos riozinhos. Nasceu numa região de riachos e rios, num canto da Champagne povoado de várzeas, no Vallage, assim chamado por causa do grande número de seus vales. Meu prazer é ainda acompanhar o riacho, caminhar ao longo das margens, no sentido certo, no sentido da água que corre que leva a vida alhures (BACHELARD, 1989, p.8). Rosa em sua obra *Manuelzão e Migulim*, no conto uma história de amor, descreve a morte de um riachinho, encontra-se presente também nesta passagem, uma natureza infantil, ele fala do riacho com cuidado e ternura, com a percepção de uma natureza-menina, inocente, indefesa. Comparando a vida de um riachinho com a vida de um menino que morre sozinho. Segundo Bachelard, as águas dos riachos são risonhas, e encontram-se nas mais variadas paisagens literárias. É difícil se desprender dessa poesia infantil, do “glu glu” dos regatos, presentes na natureza criança.

Porque Dantes se solambendo por uma grotta, um riachinho descia também a encosta, um fluviol cocegueando de pressa para ir cair bem embaixo no córrego das pedras, que acabava no rio-de-janeiro, e que mais adiante fazia barra com o São Francisco. Dava alegria a gente ver o regato brota espumas e oferecer suas claras friagens e a gente pensar no que era o valor daquilo. Um riachinho xexé, puro, ensombrado, determinado no fino, com regoço e suazinha algazarra. (...) Mas derrepente, cada um sentiu no coração o estalo do silenciosinho que ele fez a pontuda falta da toada, do barulhinho. (...) Ele tinha ido embora o riachinho de todos. (...). Por fim avistou-se no céu a estrela Dalva, e o riacho soluço se estancara, secara sua lagrimal, sua boquinha serrana, era como se um menino, sozinho, tivesse morrido. (ROSA, 1984, p. 165 - 166)

Outras comparações aos riachos, aparecem no Grande Sertão: veredas. “Coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colominhando por entre serras e varjas, matas e Campinas. Coração mistura amores. Tudo cabe”. (1985, p.176) Há assim uma semelhança entre amor e água, corre, cresce, caminha entre cenas e cenários.

No Grande Sertão: Veredas “Riobaldo em um dos seus momentos de tristeza e solidão, se sentindo culpado da vida que levava. Depara-se com um riacho e ver nas suas águas um amigo, um consolo, pra tanta tristeza. “O tanto assim, que até um Corguinho que defrontei - um riachim à-toa de branquinho - olhou pra mim e disse: - Não... - e eu tive que obedecer a ele. Era pra eu não ir mais adiante. o riachinho me tomava a benção”.(ROSA, 1985, p.269) “Que grande mestre é o riacho”. (BACHELARD, 1989, p.194) Naquele instante, a imagem da água do riacho, passava uma mensagem de sabedoria, a tranquilidade, a serenidade daquelas águas inocentes, acalmavam o coração inquieto do Riobaldo. Representando também a água como vertente espiritual, espécie do sagrado, fonte de limpeza, como a água do batismo, com virtudes purificadoras para lavar do pecado original, transformando o homem, em um homem novo. As vidas de Riobaldo e Diadorim estavam permeadas por imagens poéticas, muitas eram perto de água. E foi na beira desse riachinho que Riobaldo, adormeceu. E quando acordou, Diadorim estava lá.

Quando acordei não cri: tudo o que é bonito é absurdo - Deus estável. Ouro e prata que Diadorim aparecia ali, a uns dois passos de mim, me vigiava. (...) O calor do dia abrandava. Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. (ROSA, 1985, p. 269)

No pensamento Bachelardiano, a imaginação tem um papel fundamental, na medida em que estimula a composição de imagens belas, que supera a realidade restrita do percebido. A reflexão por sua vez é o momento que o ser humano procura o entendimento das suas percepções, questiona e dá forma aos significados do percebido, e estabelece sua relação com o mundo.

ÁGUAS ESPELHADAS:

Bachelard, diz que de início é necessário compreender a utilidade psicológica do espelho das águas; a água serve para naturalizar a imagem, para desenvolver um pouco da inocência e da naturalidade da contemplação.

A lua, o luar: vejo esses vaqueiros que viajam a boiada, mediante o madrugada, com lua no céu, dia depois de dia. Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho. (ROSA, 1985 ,p.289)

Buriti – Muritia- Vinífera, é o elemento florístico de porte, é árvore da vida, sempre acompanhando os cursos d' água, vereda. Mas o buriti em JGR, não é apenas uma árvore grande, mas sim a presença de uma paisagem mágica. O balançar do vento nas suas folhas, o seu reflexo nas águas claras e espelhadas das veredas, permite um ar de devaneios e sonhos diante da imagem que se reflete. O balançar do vento que movimenta a água, o reflexo da luz, espetáculos da natureza, que contribuem para uma imagem viva.

Bachelard no primeiro capítulo do seu livro *A água e os sonhos, em águas claras, primaveris e correntes*. Traz as condições objetivas do narcisismo. Fazendo uma reflexão sobre a imagem refletida na água e no espelho. Segundo ele os espelhos são objetos demasiados civilizados, manejáveis, geométricos, são instrumentos de um sonho evidente demais para a adaptação onírica. O espelho aprisiona em si um segundo mundo que lhe escapa, no qual ele se vê sem poder se tocar e que está separado dele por uma falsa distância.

A fonte ao contrário, é para ele um caminho aberto... O espelho da fonte é, pois, motivo para uma imaginação aberta.. O reflexo um tanto vago, um tanto pálido, surge uma idealização. Diante da água que lhe reflete a imagem. Narciso sente que sua beleza continua que ela não está concluída, que é preciso concluí-la. Os espelhos de vidro, na viva luz do quarto, dão uma imagem por demais estável. Tornarão a ser vivos e naturais quando pudermos compará-los a uma água viva e natural, quando a imaginação renaturalizada puder receber a participação dos espetáculos da fonte e do rio. (BACHELARD, 1989, p.24)

A imagem poética das águas cristalina em sua limpidez, segundo Bachelard é um céu invertido, contempla se o universo, um instante de sonho, uma alma inteira. Rosa fala das veredas com poesia e com muita ternura. No universo delas encontram se sonhos e devaneios numa magia contida na

quietude, na uniformidade, na doçura, na delicadeza, na elegância do cenário. “E como cada vereda, quando beirávamos, por seu resfriado, acenava para a gente um fino sossego sem notícia – todo buritizal e florestal: ramagem é amar em água”. (ROSA, 1985, p.287). A água como reflexo de paz e silêncio.

Rosa por várias vezes na obra Grande Sertão: veredas faz comparações da vida cotidiana com águas, águas do rio, de chuvas, sereno. E essas marcavam tanto a vida dos personagens que, Riobaldo comparava o verde dos olhos de Diadorim com a cor da água de todos os rios, ensombrados, onde o verde aparece com maior nitidez. “Diadorim os rios verdes” (p. 289). Um dos rios verdes é o Urucúia, com sua dupla face de bravo e manso, que lembra Diadorim, valente e meigo, masculino e feminino. “Ao que aquelas croa de areia e as ilhas do rio, que a gente avista e vai guardando para trás. Diadorim vivia só um sentimento de cada vez. (p.290). Rios bonitos são os que correm para o Norte, e os que vêm do poente – em caminhos para se encontrar com o sol. (...) O Uruçuia suas abas. E vi meus Gerais!” (p. 286) Segundo Bachelard, se o olhar das coisas, contiver suavidade, essência e profundidade, esse é o olhar da água. “É preciso que o olho seja belo para compreender o belo (...) Nossos olhos é a água que sonha”. (BACHELARD, 1989, p.31)

O sertão e água estão indissociáveis, mesmo quando não há a presença da água por perto, elas aparecem na imaginação dos personagens. “O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme é sobre um rio” (ROSA, 1989, p.73) A presença de uma água imaginária.

Na última página do Grande Sertão: Veredas, a presença das águas largas do Rio São Francisco com tristeza nas palavras de Riobaldo, pela morte Diadorim, a marca do amor.

“O Rio de São Francisco – que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: Que o Diabo não existe. Existe é o homem humano travessia”.(ROSA, 1985, p. 568)

A PALAVRA DA ÁGUA

Segundo Bachelard há palavras que se acham em pleno despertar, como a palavra rio, que em francês é reviviére. Se pensarmos foneticamente na brutalidade sonora desta palavra, compreender-se-iam que a palavra reviviére é a mais francesa das palavras. É uma palavra que se faz com a imagem visual da rive (margem) imóvel que, no entanto não cessa de fluir.

Vinde o meus amigos, na clara manhã cantar as vogais do regato! Onde está nosso primeiro sofrimento? É que hesitamos em dizer... ele nasceu nas horas que acumulamos em nós coisas caladas. O regato vos ensinará a falar ainda assim (...) a energia pelo poema. Ele nos repetirá, a cada instante, alguma palavra bela e redonda que rola sobre as pedras. (BACHELARD, 1989, p. 201)

Em sua travessia literária, Rosa mostrou nos diversos cenários do sertão, as vozes da água. O significado dos rios, dos riachos, dos córregos sempre os relacionando com a vida íntima dos personagens numa relação homem/natureza profunda, um “remexer vivo” da alma.

A possibilidade de analisar a categoria de água, numa proposta de trabalho onde o campo de pesquisa é constituído fundamentalmente pela obra literária, traçando um paralelo entre Gaston Bachelard e J G Rosa, proporcionou a união da Geografia e a Literatura.

Desta forma a Geografia encontra na Literatura a possibilidade de interpretações reais, procurando enxergar o que lhe é de interesse na obra, isto é, analisando as categorias geográficas, cenas, cenários, paisagens, lugares, regiões, territórios, relações entre o homem e o ambiente.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martin Fontes, 1989.

_____. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martin Fontes, 1988.

_____. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Mota Peçanha; Traduções de José Moura Ramos ... (et al.) – 2ª ed. São Paulo: Abril cultural, 1984. (Os pensadores)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, ROCHA, Evandra. **O jardim da vida**. Goiânia: Ed da UCG, 2004.

CORREA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Migulim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Grande Sertão: Veredas. (O diabo na rua no meio do redemoinho)** 17ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROSENFELD, Kathrin Holtermayr. **Grande Sertão Veredas: Roteiro de leitura**. São Paulo. Ática. 1992.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente: o recado do rio**. São Paulo; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.